

ANDREIA FILIPA PINTO DE MATOS

**EXPERIÊNCIAS E SIGNIFICADOS DA CASA
ABRIGO PARA HOMENS VÍTIMAS DE
VIOLÊNCIA NA INTIMIDADE**

Orientadora: Prof^a. Doutora Andreia Machado

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

Lisboa

2021

Dissertação defendida em provas públicas

ANDREIA FILIPA PINTO DE MATOS

**EXPERIÊNCIAS E SIGNIFICADOS DA CASA
ABRIGO PARA HOMENS VÍTIMAS DE
VIOLÊNCIA NA INTIMIDADE**

Dissertação defendida em provas públicas na
Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias,
no dia 11/01/2022, perante o júri, nomeado pelo
Despacho de Nomeação nº342/2021, com a seguinte
composição:

Presidente: Prof. Doutor Nélio Brazão
Arguente: Prof.^a Doutora Célia Ferreira
Orientadora: Prof.^a Doutora Andreia Machado

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

Lisboa

2021

Dissertação defendida em provas públicas

Agradecimentos

Quero começar por agradecer à minha orientadora, Professora Andreia, por todo o apoio, ajuda e compreensão nos momentos de grande ansiedade com as suas palavras. Agradeço também toda a sua paciência e exigência para fazer sempre mais e melhor.

À Universidade Lusófona na qual tive a oportunidade de estudar e aprender ao longo destes cinco anos, agradecendo também a todos os docentes pela partilha das suas histórias.

À Dra. Catarina, Psicóloga da Casa Abrigo, que desde o primeiro momento se demonstrou disponível para ajudar no que fosse preciso, um muito obrigada!

À minha amiga, Andreia, a melhor pessoa que a universidade me deu, agradeço muito. O meu percurso académico melhorou com a tua entrada na minha vida, recordo com muito carinho todos os momentos que passamos juntas, os bons e os maus, principalmente todos os meus dramas, com os quais sempre soubeste lidar na perfeição. A universidade é feita de momentos e, sem dúvida, que o início da nossa amizade foi um dos melhores. Obrigada por todos estes anos e que a nossa amizade prevaleça por muitos e bons anos. Agradeço também à Catarina, Mariana, Sara e Sther, pelo vosso apoio durante os seminários, onde tanto aprendemos umas com as outras.

Por fim, mas não menos importante, à minha família, em especial aos meus pais, meus avós e à minha tia por sempre me terem apoiado ao longo destes longos cinco anos. Por mais que escreva, não existem palavras suficientes para vos agradecer.

Resumo

A violência na intimidade, quando os homens são vítimas, ao longo dos anos, tem sido cada vez mais objeto de estudo. A procura de ajuda por parte de homens vítimas tem vindo a crescer, contudo, a nível nacional, há escassez de investigação sobre a vivência em casa abrigo. Assim sendo, neste estudo, pretendeu-se aceder às experiências e significados da casa abrigo para homens vítimas de violência na intimidade e, para tal, os dados foram recolhidos através de um questionário sociodemográfico e de uma entrevista semiestruturada. Para a análise de dados recorreu-se à análise temática de forma a explorar os dados recolhidos nas 6 entrevistas realizadas. Os resultados obtidos indicam que estas vítimas passaram por experiências de vitimação severas, em que a violência psicológica foi a mais predominante. No que diz respeito à experiência na casa abrigo, na generalidade, a mesma é descrita como positiva e essencial para recuperar dos efeitos nefastos provocados pela violência. A necessidade mais mencionada por estes homens foi a existência de maior periodicidade no apoio psicológico nos serviços de apoio às vítimas. Serão ainda apresentadas as implicações práticas assim como sugestões de investigações futuras.

Palavras-chave: violência na intimidade; homens vítimas; casa abrigo; apoio psicológico; serviços de apoio às vítimas

Abstract

Intimate partner violence, when men are victims, has been increasingly studied over the years. The demand for help from men has been growing, however, at a national level, there is a lack of research on the experience of living in a shelter. Therefore, in this study, we intended to access the experiences and meanings of the shelter for men who are victims of intimate violence and, for this, data was collected through a sociodemographic questionnaire and a semi-structured interview. In order to the data analysis, thematic analysis was used to explore the data collected in the 6 interviews carried out. The results obtained indicate that these victims have gone through severe victimization experiences, in which psychological violence was the most prevalent. With regard to the experience in the shelter, in general, it was described as positive and essential to recover from the harmful effects caused by violence. The most mentioned necessity by these men was the existence of greater periodicity in psychological support in victim support services. The practical implications will also be presented, as well as suggestions for future research.

Keywords: intimate partner violence; male victims; psychological support; shelter; victim support services

Lista de abreviaturas e siglas

APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima

CEDIC – Comissão de Ética e Deontologia da Investigação Científica

CIG – Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género

EPCV – Escola de Psicologia e Ciências da Vida

GAV – Gabinete de Apoio à Vítima

PNVD – Plano Nacional de Violência Doméstica

RNAVVD – Rede Nacional de Apoio a Vítimas de Violência Doméstica

RSI – Rendimento Social de Inserção

ULHT – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

VD – Violência Doméstica

VI – Violência na Intimidade

WHO – *World Health Organization* (Organização Mundial da Saúde)

Índice

Índice de Quadros e Tabelas.....	9
Introdução	10
1. Violência Doméstica: definição.....	10
1.1. Violência Doméstica em Portugal	10
1.2. Violência na Intimidade.....	10
1.2.1. Prevalência de VI.....	11
1.3. Violência contra os homens.....	11
1.3.1. Dados de Prevalência.....	11
1.3.2. Formas de Violência e Impacto	12
1.3.3. Procura de ajuda	12
1.3.4. Respostas existentes para vítimas de violência	13
1.4. Casas abrigo para homens vítimas.....	14
1.4.1. Experiência na casa abrigo	15
1.5. Pertinência do estudo.....	15
1.6. Objetivos.....	16
Metodologia	17
1. Participantes.....	17
2. Instrumentos	18
2.1. Questionário Sociodemográfico.....	18
2.2. Entrevista Semiestruturada	18
3. Procedimentos	19
3.1. Procedimentos da análise de dados	19
3.2. Acordo entre intercodificadores.....	20
Resultados	21
Discussão	29

Conclusão	34
Referências	37

Índice de Quadros e Tabelas

Tabela 1.

Caracterização sociodemográfica dos participantes

Tabela 2.

Características do relacionamento

Introdução

1. Violência Doméstica: definição

A violência doméstica (VD), segundo a *World Health Organization* (WHO, 2021), é considerada um problema social e de saúde pública em todo o mundo. Pode ser definida como o uso intencional da força física, de poder, quer seja real ou em forma de ameaça, com grande probabilidade de causar lesões, danos físicos e/ou psicológicos ou até mesmo levar à morte da vítima (WHO, 2021). No entanto, é um fenómeno que pode ocorrer de diversas formas, como por exemplo, em contexto familiar, podendo as vítimas ser mulheres, homens, crianças ou idosos (Dias, 2017). Através dos movimentos feministas, este fenómeno foi ganhando cada vez mais destaque dos anos 70 em diante, sendo o foco a mulher como vítima e o homem como perpetrador (Laskey et al., 2019).

1.1. Violência Doméstica em Portugal

Em Portugal, só a partir das décadas de 80/90 é que a VD foi considerada efetivamente como um problema da sociedade, sendo que apenas no ano de 2000 é que foi classificada como crime público (Durão, 2013), estando inserida no artigo 152º do Código Penal (CP, 2017, p.93). Apesar de a lei de VD ser neutra quanto ao género, só mais recentemente e aquando da implementação do quinto Plano Nacional de Violência Doméstica (PNVD; 2014-2017), é que foi adotada uma linguagem mais inclusiva em termos de género, ou seja, englobando tanto o homem como a mulher, como possível vítima e possível perpetrador (Machado et al., 2019).

1.2. Violência na Intimidade

Dentro da VD, integra-se a violência na intimidade (VI), que se refere a qualquer comportamento dentro de um relacionamento íntimo, que cause danos físicos, psicológicos e/ou sexuais às pessoas envolvidas no relacionamento (WHO, 2012). Este tipo de violência pode ser perpetrado pelo cônjuge ou ex-cônjuge, namorado/a ou parceiro/a íntimo/a (e.g., Curry et al., 2018) e pode ocorrer em relações homossexuais, heterossexuais, em que o agressor tanto pode ser o homem ou a mulher (Elísio et al., 2018; Joseph-Edwards & Wallace, 2020).

Atualmente, a VI, ainda está associada ao modelo patriarcal, que tem como base o poder e o controlo, e no qual os homens são privilegiados em comparação com as mulheres (Próspero, 2007). Consequentemente, a violência contra os homens tende a ser menosprezada, apesar de ser cada vez mais uma realidade estudada (e.g., Machado et al., 2017). Além disso, conceitos como masculinidade (Brooks et al., 2017) e masculinidade hegemónica (Simmons et al., 2016), que são frequentemente associados à violência contra os homens, tornam ainda mais

difícil o reconhecimento do homem como vítima. O termo masculinidade é aplicado na tentativa de uma melhor compreensão sobre as experiências em geral do género masculino (Connell, 2012), enquanto que a masculinidade hegemónica, é a visão construída pela sociedade sobre o que significa ser homem (Corbally, 2014), e incorpora e aceita o modelo patriarcal, que defende a posição dominante dos homens relativamente à submissão da parte das mulheres (Connell & Messerschmidt, 2013). A masculinidade hegemónica defende ainda que os homens são educados e preparados para demonstrarem sentimentos de raiva, não permitindo admitir sentimentos de fraqueza ou tristeza perante as mulheres, nem tão pouco as suas vulnerabilidades (Dim, 2020). Contudo, ao longo dos anos, a literatura tem vindo a demonstrar que a mulher também pode ser agressora e o homem vítima, contrariando os ideais impostos pela sociedade (e.g., Espinoza & Warner, 2016; Machado et al., 2019).

1.2.1. Prevalência de VI

Segundo os dados do *National Intimate Partner and Sexual Violence Survey* (NISVS) de 2015, nos Estados Unidos da América, cerca de 43 milhões (36.4%) de mulheres e 38 milhões (34.2%) de homens experienciaram violência psicológica, perpetrada pelo seu/a parceiro/a íntimo/a, o que corresponde a 1 em cada 4 mulheres e 1 em cada 10 homens (Smith, 2018).

No Reino Unido, cerca de 757 milhões (3.6%) de homens experienciaram violência doméstica no último ano, segundo o *Crime Survey for England and Wales* de 2020.

A nível europeu, estudos realizados sobre VI, com vítimas de ambos os sexos, verificaram que de 10% a 54.4% das mulheres e 11,9% a 54.4% dos homens admitiram a existência de violência bidirecional nas suas relações de intimidade (Costa et al., 2015, 2016).

1.3. Violência contra os homens

1.3.1. Dados de Prevalência

A nível internacional, através de dados de NISVS de 2015, foi possível verificar que 33.6% de homens experienciaram violência física, contacto sexual e/ou *stalking* ao longo da sua vida (Smith et al., 2018), sendo que mais recentemente, através de um estudo realizado, os resultados demonstraram que os mesmos tendem a sofrer mais violência psicológica (10,1%) comparativamente às mulheres (6,8%) (Dim & Elabor-Idemudia, 2018).

A nível nacional, segundo o Relatório Anual de Segurança Interna (RASI, 2019), em 2018, 6.850 (21.4%) homens apresentaram queixa, sendo que em 2019 este número aumentou

para 9.143 (23.9%) e, em 2020 situou-se nos 9.050 (RASI, 2019, 2020). Ainda no ano de 2020, e segundo a Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género (CIG), dos mais de 80 mil pedidos de ajuda que chegaram à Rede Nacional de Apoio a Vítimas de Violência Doméstica (RNAVVD), cerca de 9% foram realizados por homens (CIG, 2020a).

1.3.2. Formas de Violência e Impacto

O tipo de violência mais sofrida pelos homens é a violência psicológica (Dim, 2020), seguida da violência física (Lagdon et al., 2014). A violência administrativa/legal também é usual, nomeadamente, quando crianças ou familiares são usados como tentativa de manipulação para o homem não abandonar a relação (Machado et al., 2020) e ainda quando o sistema de justiça é utilizado de forma a prejudicar o outro, como, por exemplo, através de falsas alegações sobre as agressões (Dim, 2020). Por fim, a violência económica também é reportada (Joseph-Edwards & Wallace, 2020; Mandecentret, 2020). Na maior parte dos casos, o/a agressor/a aproveitasse da vulnerabilidade da vítima para agredir (Bates & Weare, 2020), obrigando-a a passar ainda por episódios de difamação e humilhação (Bates, 2020). É comum a violência ocorrer em privado e não em público (Reis et al., 2020), sendo que a intimidação em frente aos amigos, é também utilizada como uma forma de violência (Joseph-Edwards & Wallace, 2020).

Qualquer que seja o tipo de violência praticada, tem impacto na vítima podendo permanecer a médio-longo prazo (Hine et al., 2020). As consequências mais comuns nos homens são ansiedade (Entilli & Cipolletta, 2017), depressão (Machado et al., 2016a), ideação suicida (Elísio et al., 2018), perturbação de *stress* pós-traumático (Stults et al., 2019), desamparo (Lysova et al., 2020a), e sentimentos de solidão (Machado, 2016). Problemas de saúde cardiovasculares, intestinais ou infeções no sistema nervoso – convulsões – também são associados às vítimas masculinas que experienciam episódios de violência (Hines & Douglas, 2016).

1.3.3. Procura de ajuda

Na maior parte das vezes o que leva os homens vítimas a procurar ajuda é a severidade da violência exercida por parte do/a agressor/a (Lysova & Dim, 2020). No entanto, os serviços de ajuda para homens vítimas são limitados quando comparados com os serviços para mulheres vítimas (Tsang, 2015).

O apoio informal (família, amigos), tende a ser o mais utilizado, devido ao facto de sentirem que não vão ser julgados ou ridicularizados por serem vítimas (Morgan et al., 2014; Tsui, 2014). Quanto à procura de apoio formal, centra-se nos profissionais de saúde, linhas de

apoio à violência doméstica, e sistema judicial (e.g., Bates, 2020), sendo que é aos primeiros que os homens vítimas recorrem mais frequentemente, fazendo com que a procura de ajuda junto do sistema judicial, seja a última escolha destas vítimas (Machado, 2016).

De maneira geral, os homens têm experiências negativas quando procuram ajuda, salientando a ineficácia da mesma (Choi, 2015; Douglas & Hines, 2011), enfatizando a necessidade da existência de apoios exclusivos para homens vítimas (Wallace et al., 2019), e relatando que acreditam que a sociedade considera improvável que os homens também sofrem de violência (Bates, 2019; Wallace, 2014).

Por outro lado, muitos obstáculos, quer sejam internos ou externos, dificultam a denúncia por parte dos homens vítimas, nomeadamente, por terem medo, vergonha – associados frequentemente ao ideal imposto pela sociedade sobre o que é ser homem –, receio em perder a guarda dos filhos, devido à chantagem de que são alvo por parte da companheira, mas, sobretudo por acreditarem que o comportamento da mesma pode vir a mudar e as agressões cessarem (Machado et al., 2018). Outros fatores são ainda associados, nomeadamente, o receio pela reação dos que os rodeiam, por não acreditarem e por recearem ser revitimizados pelo sistema de justiça (Lysova et al., 2020b) ou por acharem que apresentar queixa não tem qualquer valor, porque se sentem ignorados (McCarrick et al., 2016), e por terem sofrido algum tipo de abuso na infância, tendem a normalizar o mesmo em adulto (Lysova et al., 2020a). O facto de alguns homens terem dificuldade em identificar a experiência de vitimação também consiste num dos fatores que impedem que peçam ajuda (Hine, 2019).

1.3.4. Respostas existentes para vítimas de violência

Diversos países dispõem de instituições de apoio à vítima e de linhas de apoio telefónico, por exemplo, no Reino Unido – *National Domestic Abuse Helpline*; e nos Estados Unidos da América – *National Domestic Violence Hotline* – que fornecem apoio e aconselhamento às vítimas de violência e aos seus familiares (Bates & Douglas, 2020), sendo que de forma *online* as vítimas têm à sua disponibilidade uma diversidade de respostas para a violência (Harwin, 2006).

Em Portugal, é a CIG que reúne todas as entidades que prestam resposta a vítimas. Estas associações, de uma forma geral, dispõem de diversos Gabinetes de Apoio à Vítima (GAV), que prestam apoio aos cidadãos vítimas de crime e às suas famílias, garantindo ainda apoio emocional, psicológico, social e jurídico às vítimas, segundo a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV, 2020). Além disso, a rede nacional de apoio disponibiliza respostas

para acolhimentos de emergência - estão disponíveis 26 unidades residenciais para acolhimento urgente de vítimas, acompanhadas ou não de filhos/as menores ou maiores dependentes com deficiência (CIG, 2020b). Por fim, existem ainda as Casas Abrigo – Acolhimento Institucional para Proteção e Segurança (Faro & Sani, 2014). As casas abrigo são denominadas como espaços residenciais temporários para vítimas de VD, acompanhadas ou não dos seus filhos/as menores ou maiores com deficiência na sua dependência, que se encontrem em situação de risco e/ou em perigo de vida (Magalhães et al., 2011). Atualmente, existem 39 distribuídas de Norte a Sul do país, incluindo a Ilha dos Açores e da Madeira, sendo que apenas uma se destina a homens vítimas de VD (CIG, 2020). As casas abrigo são encaradas como uma resposta em último recurso (Correia & Sani, 2015), tendo como principal função garantir segurança às vítimas (Roberts & Lewis, 2000) e contribuir para a promoção de condições necessárias para a educação, saúde, e bem-estar físico e psicológico, assim como a aquisição de competências pessoais, profissionais e sociais (Baúto et al., 2019), sempre com a premissa de projetar uma nova vida para além da violência (Coutinho & Sani, 2010).

1.4. Casas abrigo para homens vítimas

Relativamente a casas abrigo para homens vítimas, nos Estados Unidos, desde o ano de 1981, que a *The Valley Oasis Shelter*, em Lancaster, Califórnia, oferece abrigo para homens e mulheres vítimas de violência (Jarvie, 2017; Press, 2017). Só mais tarde, em 2015, no estado de Arkansas, é que abriu efetivamente a primeira casa abrigo para homens vítimas que fornece acolhimento temporário, denominada de *Taylor House For Men* (Silverman, 2017). Mais recentemente, em 2017, abriu no estado de Dallas, Texas, um outro abrigo para homens vítimas de violência (Bustillos, 2017).

No Reino Unido, desde o final da década de 90, que a *Montgomeryshire Family Crisis Center* (MFCC) fornece apoio a homens vítimas em casas mistas (MFCC, 2019). Sendo que a primeira casa abrigo só para homens vítimas nasceu em 2006, *Davis House*, que oferece acolhimento temporário de emergência para homens vítimas e seus filhos (MFCC, 2019).

Em 2001, foi na Austrália que abriu a primeira casa abrigo para homens vítimas (Pickering, 2021).

Relativamente à Europa, em 2006, abriu uma casa abrigo para homens na Dinamarca, designada por *Mandecentret* – que de 2016 a 2018 recebeu cerca de 58 homens vítimas (Mandecentret, 2021). Em 2009, seguiu-se a Holanda (One in three, 2009), em 2010, a Irlanda – *Men's Aid Ireland* (Men's Aid Ireland, 2021) e a Noruega - sendo que na Noruega até então os

homens ficavam ao abrigo de serviços para mulheres vítimas (Grøvdal & Jonassen, 2016). Em 2015, foi a vez da Bélgica, ao abrir a *The Mechelen refuge*, destinada a homens vítimas (First shelter for Belgium's abused men, 2015).

Em Portugal, em 2016, abriu a primeira casa abrigo destinada a homens vítimas de violência, um projeto-piloto em parceria da Fundação António Silva Leal com a CIG, no Algarve (Ramalho, 2017). Atualmente, encontra-se situada em Aveiro, ao cargo da Cáritas Diocesana de Aveiro (CDA, 2020).

1.4.1. Experiência na casa abrigo

Os poucos estudos realizados a nível internacional e nacional sobre a experiência de homens vítimas em casa abrigo revelam que os utentes as descrevem como sendo um sítio seguro, amigável e confortável (Grøvdal & Jonassen, 2016; Ramalho, 2017). Os dados existentes destacam a forma positiva como são recebidos pela equipa técnica, assim como o apoio que lhes é transmitido, enfatizando o apoio psicológico como o mais importante e necessário de todos (Grøvdal & Jonassen, 2016). Os utentes revelam ainda que as casas abrigo se constituíram como uma salvação e o primeiro passo para a recuperação – sendo que é na casa abrigo que se sentem efetivamente levados a sério enquanto vítimas (Grøvdal & Jonassen, 2016; J, comunicação pessoal, 15 de julho de 2017; Ramalho, 2017).

Os relatos destes homens sobre a experiência na casa abrigo vão ao encontro das experiências de mulheres vítimas, que descrevem as casas abrigo como algo útil, necessário e fundamental para a aquisição de competências após a experiência de violência (Belchior, 2014), relatando que o facto de saberem que tinham um sítio protegido e seguro para ir foi o que as fez abandonar a relação violenta (Baholo et al., 2015). Quanto à relação com as restantes utentes da casa abrigo, esta vai sendo estabelecida de forma gradual, destacando a dificuldade que é partilhar a sua história de vida com desconhecidos (Cotrim, 2014). No entanto, na grande maioria das vezes, esta questão acaba por ser ultrapassada e as mulheres acabam por se apoiar umas às outras no período de acolhimento na casa abrigo (Haj-Yahia & Cohen, 2009). Relativamente ao apoio da parte da equipa técnica, é descrito na sua generalidade como fundamental e importante para uma melhor estadia na casa abrigo (Silva, 2009).

1.5. Pertinência do estudo

Apesar de vários estudos na literatura abordarem a VI quando as vítimas são homens, poucos são aqueles que retratam a vivência e experiência dos mesmos em período de acolhimento numa casa abrigo. Desta forma, com a realização deste estudo, espera-se explorar

as experiências e significados da casa abrigo, do ponto de vista de homens vítimas, esperando-se ainda dessa forma, conceder visibilidade ao fenómeno. Espera-se que o impacto deste estudo seja significativo na compreensão dos significados e experiências de vitimação de homens que habitam numa casa abrigo e que o conhecimento aprofundado sobre esta resposta permita recolher as implicações práticas daí decorrentes ao nível da sensibilização, intervenção e prevenção deste tema, e que possa servir como base para futuras investigações bem como de políticas públicas no âmbito da VI.

1.6. Objetivos

Assim sendo, o presente estudo teve como objetivos: a) aceder à experiência de vitimação e de procura de ajuda que antecedeu a entrada na casa abrigo; b) conhecer o significado que a casa abrigo tem/teve na vida destes homens; c) conhecer a perceção acerca da ajuda recebida na casa abrigo.

Metodologia

1. Participantes

A amostra foi a de conveniência e teve como critérios de inclusão (1) ter mais de 18 anos; (2) ser ou ter sido vítima de violência na intimidade; (3) estar ou já ter estado num período de acolhimento numa casa abrigo. Contudo, não foi considerado um período mínimo de acolhimento devido a dificuldades inerentes à recolha de amostra. Como critérios de exclusão foram considerados participantes com: (1) historial de consumo de substâncias; (2) perturbação mental e/ou algum (3) défice cognitivo significativo. Todos estes critérios foram estabelecidos em consonância com a técnica responsável da casa abrigo e com a literatura.

Assim sendo, conforme a Tabela 1, o estudo contou com o total de 6 participantes com idades compreendidas entre os 20 e os 64 anos. A nacionalidade é na sua maioria portuguesa sendo apenas um participante de origem marroquina. Quanto às habilitações académicas, variam entre o 6º ano de escolaridade e o grau de licenciatura. Cinco dos participantes têm filhos, sendo que nenhum esteve acolhido na casa abrigo. Relativamente à situação profissional, três dos participantes, à data das entrevistas, encontravam-se desempregados tendo como apoio o Rendimento Social de Inserção (RSI); um dos participantes estava reformado; outro encontrava-se a tirar um curso para adquirir equivalência ao 12ºano, e por fim, apenas um participante encontrava-se a trabalhar. Por último, o tempo de acolhimento dos participantes variou entre o mínimo de uma noite e o máximo de 18 meses.

Tabela 1.

Caracterização sociodemográfica dos participantes

Participantes	Idade	Nacionalidade	Habilitações Académicas	Situação profissional atual	Tempo de acolhimento
P1	64 anos	Português	12º ano	Reformado	18 meses
P2	39 anos	Marroquino	Licenciatura	Desempregado	4 meses
P3	40 anos	Português	9ºano	Desempregado	2 meses
P4	20 anos	Português	9ºano	Estudante	7 meses
P5	41 anos	Português	6ºano	Distribuidor de gás	1 noite
P6	41 anos	Português	Licenciatura	Desempregado	15 dias

No que concerne às características do relacionamento, Tabela 2, importa mencionar que a experiência de vitimação pela qual estes participantes passaram foi relativa a relações passadas, expeto um. O tempo de relação varia entre os 7 meses a 18 anos ($M=6,5$), sendo que

nenhum dos participantes tinha sofrido de violência em relacionamentos anteriores. Quanto ao histórico de violência familiar, apenas se verificou num dos participantes.

Tabela 2.

Características do relacionamento

Participantes	Relacionamento passado ou atual	Tempo de relacionamento	Número de filhos	Historial de violência familiar
P1	Passado	18 anos	2	Não
P2	Passado	4 anos	1	Não
P3	Passado	2 anos	1	Não
P4	Passado	7 meses	-	Não
P5	Atual	8 anos	1	Sim
P6	Passado	7 anos	3	Não

2. Instrumentos

2.1. Questionário Sociodemográfico

Os dados foram recolhidos através de um questionário sociodemográfico cujo objetivo era recolher informação demográfica dos participantes, nomeadamente, a idade, nacionalidade, habilitações académicas, situação profissional, o tempo de acolhimento e ainda informação sobre as características dos relacionamentos.

2.2. Entrevista Semiestruturada

O segundo instrumento utilizado foi uma entrevista semiestruturada. A entrevista é uma técnica de metodologia qualitativa que tende a ser a mais utilizada (Clarke & Braun, 2019), uma vez que é uma forma de explorar o fenómeno em causa, a partir da realidade de cada participante (Adhabi & Anozie, 2017). Além disso, fornece ao investigador uma maior flexibilidade, uma vez que pode ir interagindo com os participantes de modo a garantir que os mesmos compreendem o que está a ser perguntado (Adhabi & Anozie, 2017).

No último ano, cada vez mais as entrevistas têm vindo a ser realizadas em formato *online* (Saarijärvi & Bratt, 2021), porém o formato presencial ou por telefone continuam a ser as formas mais utilizadas (Jackle et al., 2006). As vantagens apontadas para este tipo de entrevista passam pelo facto de existir uma maior anonimidade, o que pode fazer com que o participante se sinta mais à vontade e têm um menor custo, uma vez que podem ser realizadas em qualquer lugar (Farooq & De Villiers, 2017). Contudo, a maior desvantagem assenta no facto de não se conseguir observar o comportamento não verbal dos participantes (Opdenakker, 2006; Vogl, 2013).

Posto isto, neste estudo, foram utilizados os três tipos de entrevistas – *online*, por telefone e presencial. A entrevista *online* foi realizada nesse modo devido ao participante se encontrar fora do país; as entrevistas por telefone foram devido ao facto de os participantes não terem condições tecnológicas suficientes para suportar uma entrevista *online*; por fim, as entrevistas presenciais foram assim realizadas, uma vez que os participantes se encontravam na casa abrigo e foi possível a deslocação até lá.

Neste estudo, o guião da entrevista contém questões relacionadas com a experiência de vitimação – a quem recorreu para pedir ajuda, como teve conhecimento da existência da casa abrigo e como decorreu todo o processo até chegar à mesma; e ainda questões relacionadas com a vivência na casa abrigo – adaptação, relação que mantém com os colegas e com a equipa técnica.

3. Procedimentos

Primeiramente, submeteu-se o estudo à Comissão de Ética e Deontologia da Investigação Científica (CEDIC) da Escola de Psicologia e Ciências da Vida (EPCV) da Universidade Lusófona de Humanidade e Tecnologias (ULHT), de modo a verificar-se que o mesmo cumpria todos os padrões éticos. De seguida, foi enviado um pedido de colaboração à Cáritas Diocesana de Aveiro – instituição responsável pelo projeto da “Casa abrigo para homens vítimas de violência doméstica” – com informação detalhada sobre o estudo, a solicitar a colaboração da instituição, e a identificação de potenciais participantes, para que após o seu consentimento, fosse possível o agendamento das entrevistas. Convém, ainda salientar que antes da realização das entrevistas, foram apresentados aos participantes os objetivos do estudo assim como um consentimento informado onde constam todos os esclarecimentos acerca do mesmo, nomeadamente, a natureza voluntária da participação no estudo.

Os participantes foram entrevistados separadamente e o tempo das entrevistas variou entre aproximadamente 45 minutos a duas horas. As entrevistas foram realizadas de forma *online*, recorrendo à aplicação *whatsapp* (1), por telefone (3) e presencialmente (2), nomeadamente nas instalações da casa abrigo. As mesmas foram gravadas apenas em áudio, para garantir uma maior objetividade dos dados. Posteriormente as entrevistas foram transcritas de forma integral. Os dados foram recolhidos entre janeiro e junho de 2021.

3.1. Procedimentos da análise de dados

Os dados foram analisados através da técnica da análise temática. Segundo esta análise, e especificamente neste estudo, os temas emergiram de forma indutiva, quer isto dizer

que se encontram fortemente ligados aos dados, ou seja, não existiram codificações pré-existentes dos mesmos; foram também identificados de forma semântica, uma vez que os investigadores não procuraram para além daquilo que foi dito pelos participantes (Braun & Clarke, 2019).

Para uma análise mais rigorosa dos dados foram seguidos todos os passos propostos por Braun & Clarke (2006). Assim sendo, o primeiro passo foi a familiarização com os dados, onde é importante ler e reler as vezes necessárias fazendo anotações e marcando as ideias principais dos dados; o segundo passo foi a criação de uma lista inicial de códigos, a partir das características dos dados; o terceiro passo foi procurar os temas, ou seja, inserir os códigos já definidos em temas que posteriormente originaram temas e subtemas; o quarto passo designa-se por revisão de temas, e aqui importa a homogeneidade dos mesmos; o quinto passo foi definir e nomear os temas, perceber se os mesmos já encontrados faziam sentido ou se era necessário continuar à procura de mais; o sexto e último passo foi a redação escrita de todos os resultados.

3.2. Acordo entre intercodificadores

Os dados foram codificados primeiramente por uma investigadora. De seguida, de forma a aumentar a credibilidade dos dados, os mesmos foram codificados por uma segunda investigadora, que analisou 50% dos mesmos, distribuídos aleatoriamente. Para se calcular a taxa de fiabilidade utilizou-se como critério a Fórmula de Vela (1986): $F = 2(C1,2)/(C1+C2)$, que se aplica multiplicando-se o número de acordo por dois e dividindo esse mesmo resultado pela soma do número de codificações encontradas por cada codificadora. Assim sendo, o resultado obtido foi: $2(936)/936+867 = 0.96$, podendo ser classificado como um índice de acordo excelente e/ou quase perfeito (e.g. Guest et al., 2006; McHugh, 2012).

Resultados

Nesta secção serão apresentados os quatro temas e respetivos subtemas que emergiram da análise temática realizada:

(1) Experiência de vitimação, que engloba os tipos de violência sofrida, o impacto da experiência de vitimação, o processo de procura de ajuda e ainda como tiveram conhecimento do apoio da casa abrigo.

(2) Normas e Funcionamento da Casa abrigo, onde estão englobadas as regras e os apoios recebidos;

(3) Vivência na casa abrigo, que retrata o acolhimento, a integração, a experiência global, as relações interpessoais estabelecidas, o impacto e importância e ainda os aspetos a melhorar.

(4) Visão da sociedade sobre os homens vítimas, que inclui os obstáculos externos que dificultam o processo de denúncia e ainda a escassez de apoios.

Experiência de Vitimação

Tipos de violência sofrida

Este subtema foca-se nos tipos de violência sofrida, nomeadamente, violência psicológica, física, económica e administrativa/legal.

Violência Psicológica. Este tipo de violência foi o mais predominante – todos os participantes admitiram ter sofrido este tipo de violência, através de insultos e de humilhações “*era um insulto, era a conversar com as amigas, à noite, eu a dormir no quarto, ela a falar, a rir, a dizer que me ia meter fora de casa, que eu já não prestava, que ia arranjar um homem novo*” (P1); “*és uma merda, não vales nada, és um triste, um porco (...) és nojento*” (P5). E ainda um participante que foi ameaçado com uma arma “*chegou a ameaçar-me com uma arma branca*” (P6).

Violência física. Quanto à violência física foram dois os participantes que a mencionaram: “*ela apertou-me o pescoço em casa e deixou-me todo marcado*” (P3); “*deu-me com a arma duas vezes na cara, comecei logo a sangrar, mordeu-me a cara, e depois tentou com uma tesoura, com a arma apontada, espetar-me nos olhos, e cortou-me a cara com a tesoura*” (P3); “*cuspi-me na cara (...) havia uma chapadinha aqui, houve um murro aqui, no meu lábio, houve um torcer de orelhas, um cuspir na cara e esfregar (...) uma dentada aqui no pescoço, esfolou-me o lábio, um arranhão, abriu-me o olho*” (P5).

Violência económica. Dois participantes referiram que o/a agressor/a “*gastava-me o dinheiro todo*” (P4), “*deixou-me sem qualquer dinheiro*” (P6).

Violência administrativa/legal. Este tipo de violência foi reportado por dois participantes, porém, de diferentes formas: a utilização de crianças como formas de manipulação “*o contacto (com as filhas) é só quando ela (a agressora) quer (...) quase que não me as deixa ver (...) estou há mais de um mês sem as ver*” (P6); a não valorização das provas apresentadas “*eu tenho provas e mesmo assim as provas não chegaram, sou questionado e vão averiguar tudo, até o meu passado*” (P6) e a não aceitação da queixa, uma vez que “*a agressora era conhecida das entidades*” (P1).

De notar que todos os episódios foram episódios de violência unidirecional “*nunca fui violento*” (P1); “*nunca me passou isso pela cabeça*” (P5); “*nunca lhe bati*” (P6).

Impacto da experiência de vitimação

Este subtema encontra-se dividido em impacto psicológico, físico e social.

Impacto psicológico. É possível observar este impacto de diferentes formas: situações de ansiedade “*uma grande crise de ansiedade e estive internado (...) quase que não tinha vontade de comer (...) estampava o sofrimento do meu rosto*” (P1); situações de pânico “*quase sempre ao ponto de me sentir a desmaiar*” (P3); e sobretudo medo “*é um medo constante todos os dias*” (P4). O sentimento de tristeza também foi predominante “*não dá, não consigo descrever, foi uma tristeza enorme, um vazio cá dentro (...) tenho perdido a minha essência, a minha alegria (...) acabei por perder isso tudo (...) sem chão, sem nada*” (P5)” acrescentando que “*isso destrói-me completamente*” (P5); A violência psicológica é a que mais sofrimento provoca “*o sofrimento psicológico é um sofrimento muito atroz, é um sofrimento terrível, sofrimento que nos tira o sono, às vezes a vontade de viver*” (P1). Um participante menciona que violência física é mais tolerável que a violência psicológica “*os murros e as dentadas eu até tolero (...) uma coisa que eu não tolero são as palavras, doem mais que uma chapada (...) ficam cá dentro*” (P5).

Impacto físico. Os dois participantes que sofreram violência física ficaram com marcas visíveis no corpo e necessitaram de cuidados médicos “*fiquei com mazelas e tive que ir ao hospital*” (P5).

Impacto social. Apenas foi mencionado por um participante, relatando o medo que sente quando sai à rua “*olho sempre lá para fora ver se está alguém a passar que eu conheça ou não, com medo*” (P4).

Procura de ajuda

Este subtema engloba os obstáculos internos para não denunciar os episódios de violência, as formas de ajuda formal (SS e PSP), ajuda informal (desconhecidos, vizinhos e familiares) e ainda como tiveram conhecimento do apoio da casa abrigo.

Obstáculos internos. Como obstáculos internos para não denunciar os episódios de violência, surgiram a vergonha, o orgulho e o conceito de masculinidade: “*o homem tem vergonha, o homem não diz, sofre no silêncio, por vergonha, (...) por causa do nosso orgulho, por causa da nossa masculinidade (...) tu sofres de violência doméstica? (...) és um homem, tens que reagir*” (P1).

Ajuda formal. O que levou estes participantes a requerem ajuda foi, de forma geral, o aumento da severidade da violência, o sofrimento pelo qual estavam a passar “*o sofrimento pelo qual passei foi o que me fez pedir ajuda*” (P1), sendo que um participante acrescenta que “*eu estava numa relação e queria sair dessa relação, pedi ajuda*” (P4). Assim sendo, no geral, os participantes tiveram uma experiência positiva quando pediram ajuda à PSP e à SS, sendo ajudados logo de imediato e encaminhados para um sítio seguro. Relativamente ao apoio da SS, um participante refere “*primeiro fui à Segurança Social (...) e então ela (a Doutora) disse-me: você já tem um sítio para ir*” (P1). Quanto ao apoio recebido pela PSP, um participante relata que “*a Polícia levou-me à Segurança Social à tarde e disseram-me que o melhor seria eu ir para uma casa abrigo e que era sigiloso*” (P3), acrescentando “*se calhar, infelizmente para mim, como o meu caso era tão grave, eu fui assistido mesmo da melhor forma*” (P3). Quanto ao tempo entre o pedido de ajuda e a resposta propriamente dita, mencionam ter sido rápido “*fui à PSP num dia pedir ajuda (...) depois no dia a seguir mandaram-me ir à Segurança Social (...) eles aí conseguiram no mesmo dia, às duas da tarde, sítio para ir*” (P4); “*no dia a seguir, a Polícia foi lá, apresentei queixa (...) e depois vim para aqui passar a noite (na casa abrigo)*” (P5). Apenas um participante considerou que não teve logo ajuda imediata “*as autoridades ao início não fizeram muito caso, com a ajuda da casa abrigo é que levaram a situação mais a sério*” (P6).

Ajuda informal. Mencionaram a ajuda de pessoas desconhecidas “*um casal jovem que me acompanhou ao centro de saúde, para eu ir pedir ajuda*” (P1), considerando como importante este apoio. Um participante mencionou ainda a ajuda dos vizinhos, “*ouviram os gritos (...) falaram: o que está a acontecer e eles ligaram para a Polícia*” (P2). Por fim, apenas um participante relatou que contou à família de que estava a ser vítima, contudo, não recebeu ajuda suficiente que o fizesse abandonar a relação violenta.

Como tiveram conhecimento do apoio da casa abrigo. Sendo que a maioria dos participantes não tinham a quem pedir ajuda, surgiu o apoio de uma casa abrigo. Apenas dois participantes sabiam da existência deste tipo de apoio. Os restantes participantes tomaram conhecimento da sua existência quando se dirigiram à PSP ou à SS para pedirem ajuda e/ou apresentar queixa “*a Polícia perguntou se eu estou a trabalhar, se tenho casa (...) disse que não tenho nada, não tenho trabalho e eles entrarem em contacto com a Segurança Social, com a casa abrigo e pronto, consegui vir para Aveiro*” (P2); “*foi a primeira vez que ouvi falar da casa abrigo aqui em Aveiro (na Polícia)*” (P4).

Normas e Funcionamento da Casa Abrigo

Este segundo tema engloba subtemas relacionados com as regras e apoios existentes na casa abrigo.

Regras

Relativamente às regras que compõem uma casa abrigo, os participantes mencionam que são necessárias e que as aceitam, “*são regras mínimas e básicas a meu ver, são regras de higiene, questão de horários, acho que são normalíssimas*” (P3). Como exemplo de regras relatam: “*ninguém podia entrar no quarto um do outro (...) o álcool não podia entrar (...)*” (P1). E ainda regras relativamente às lides domésticas necessárias numa casa, nomeadamente, “*nós tínhamos que lavar a nossa roupa*” (P1) e ainda regras quanto a horários a cumprir “*a hora de deitar, a hora do pequeno-almoço, o ajudar, haver uma escala, portanto ajudar a servir o jantar e o almoço aos colegas que lá estão*” (P3).

Apoios existentes

Apoio psicológico. Todos mencionam que tiveram apoio psicológico “*tínhamos sessões semanais ou quando o psicólogo entendia falar connosco*” (P1).

Apoio social. Este tipo de apoio existiu de várias formas, nomeadamente, através do apoio de bens alimentares “*ajudaram-me a montar a casa, a comprar coisas (...) traziam-me mercearia e assim*” (P1). Sendo que na generalidade o apoio social que estas vítimas mais adquiriram foi o RSI, uma vez que a maior parte dos participantes tinham perdido o seu emprego ao irem para a casa abrigo “*a Doutora conseguiu arranjar-me o curso, onde eu recebo, e consegui-me arranjar o RSI*” (P4).

Apoio jurídico. Este tipo de apoio apenas é mencionado por um participante onde refere “*temos acompanhamento jurídico (...) uma advogada que trabalha para a casa abrigo*” (P1).

Vivência na Casa Abrigo

Acolhimento

Na generalidade, foi possível perceber que a receção foi positiva para todos “*já estavam todos à minha espera (...) foi uma emoção, foi uma alegria, foi uma tristeza (...) fui muito bem recebido*” (P1); “*sinto que fui muito bem recebido (...) sinto que fui acolhido*” (P5).

Por outro lado, há quem mencione que “*na primeira noite tive a sensação que era só mais um número, mais uma pessoa que estava a inventar uma história para ter apoio*” (P6).

Integração

Mesmo antes de saberem a forma como iriam ser recebidos na casa abrigo, foi possível encontrar dois cenários distintos, uns mencionaram que se sentiam receosos “*receoso com quem ia encontrar, se ia encontrar gente violenta*” (P1), inseguros e com medo “*não conhecia ninguém e não sabia o que vinha para aqui fazer*” (P4), já outros mencionaram que se sentiam tranquilos, porque sabiam que iam ser ajudados e tinham um sítio onde podiam ficar. A tristeza e o pânico também eram predominantes “*tal era o meu estado de pânico e de medo, que não tenho vergonha de o dizer (...) ia realmente muito nervoso, e desolado da vida*” (P3), por fim, outro participante menciona que “*outra coisa é saberes que vais para uma casa, uma pensão de vítimas, dói muito*” (P5).

Relações interpessoais estabelecidas

Relações informais. Todos estes homens relataram ter ou ter tido uma relação pacífica com os restantes utentes, no entanto, nem sempre se davam bem, o que por vezes dificultava a relação entre todos, “*não nos damos propriamente todos bem (...) uns damos melhor outros não damos*” (P4) mas aos poucos foram conseguindo ultrapassar esse pequeno obstáculo e estabelecer relações positivas “*cheguei a dar forças aos outros*” (P1); “*peessoas muito impecáveis, tínhamos um grupo sólido (...) cada um ajuda o outro (...) saímos juntos, tomamos café juntos (...)*” (P2); “*aqui temos ligações que lá fora acho que eramos incapazes de ter*” (P4).

Relações formais. Com a equipa técnica o cenário foi idêntico, todos se sentiram apoiados e com à vontade com todos os funcionários “*foram pessoas muito importantes na minha vida*” (P1), “*ajudaram-me muito, me dão grande apoio*” (P2), mencionando que “*fazem tudo por nós*” (P4).

Experiência Global

Relativamente à experiência na casa abrigo, todos os participantes a encaram como positiva “*foi uma experiência espetacular*” (P1), e como algo que os fez mudar a sua vida “*mudou-me por completo (...) muito positiva*” (P4). Contudo, nem sempre viveram momentos fáceis, principalmente nos primeiros dias, “*estive internado cinco dias no hospital devido a uma somatização de problemas (...) necessitava de descansar a cabeça*” (P1). Um participante

mencionou que o facto de saber que ia partilhar casa com homens com histórias de vida idênticas à sua, deixando-o mais tranquilo, acabando “*por criar-se amizades (...) e o facto de poder sair à rua sem medos, foi importante*” (P3). Há quem mencione que “*ao início foi um bocadinho dificultada, não conhecia ninguém, foi difícil (...) todos nós precisamos de dinheiro, para os nossos vícios, ao início, aqui dentro, pedia a muita gente*” (P4). Outro participante mencionou que “*na primeira noite é tudo muito confuso, muito à pressa, muito estranho (...) há dias mais difíceis do que os outros*” (P6).

Impacto e importância da casa abrigo

Como aspetos positivos do período de acolhimento na casa abrigo os participantes destacaram a segurança “*aqui dentro estamos seguros a nível psicológico e a nível físico, mas lá fora já não*” (P4) e as amizades que conseguiram estabelecer “*o mais engraçado é que eu me tornei no porta-voz dos meus colegas*” (P1). De uma forma global, os participantes reconheceram o quão importante a casa abrigo foi nas suas vidas “*honras sejam feitas pelo valor de uma casa abrigo*” (P1), acrescentando que o rumo das suas vidas podia ser bem diferente se não fosse esta ajuda “*consegui ganhar forças, a minha ideia, tanto da casa abrigo é foi positivo em todos os aspetos, fez com que eu recuperasse da minha cabeça (...) para eu me preparar para aquilo que viria enfrentar agora aqui*” (P3); “*mudou-me por completo (...) está-nos a ajudar a ter uma vida*” (P4), acrescentando ainda que a casa abrigo “*deu-me segurança, amizades e o apoio que eu necessitava*” (P4). Dos apoios disponibilizados pela casa abrigo destacaram a importância do apoio social, através da obtenção do RSI. De ressaltar que um participante conseguiu arranjar emprego com o apoio da casa abrigo, mencionando que a equipa técnica “*ajudou-me a nível de tudo, deu-me um sítio para comer e dormir*” (P6). De seguida, apesar de alguns considerarem a necessidade de terem mais apoio psicológico, relataram que se sentiam sempre mais apoiados e aliviados após a sessão com a Psicóloga.

Aspetos a melhorar

Como um dos aspetos a melhorar, um dos participantes mencionou a necessidade da existência de mais apoio psicológico “*o apoio psicológico, a meu ver, não existe muito (...) só uma vez ou outra é que eu, digamos que tive conversas sobre o que sentia, e da maneira como eu estava, por iniciativa minha, que tenha a ver mais com o meu psicológico, foi só mais uma vez ou duas (...)*” (P3). Este mesmo participante menciona ainda a necessidade de mais elementos para a equipa técnica “*a Doutora é Psicóloga, tem muito trabalho porque gera a*

casa toda (...) mas se calhar fazia falta mais um elemento, para resolver as questões da casa em si” (P3).

Sociedade: visão sobre homens vítimas

Obstáculos que dificultam o processo de denúncia

Obstáculos externos. Um dos obstáculos mencionados é a diferença existente entre os homens e as mulheres que são vítimas, nomeadamente, *“um homem que vem para uma casa abrigo (...) é porque sofreu muito, é um sofrimento espantado no rosto (...)” (P1).* Relativamente à visão da sociedade *“ainda está um bocadinho fechada da parte dos homens sofrerem violência, enquanto que para eles as mulheres é que sofrem” (P4);* outro participante menciona *“elas (mulheres) nem precisam de provar nada, basta só dizer que o homem bateu e acreditam (...) eu tenho provas e mesmo assim não chegaram, sou questionado e vão averiguar tudo” (P6),* acrescentado que *“há um bocadinho de discriminação” (P6)* e sobretudo por terem receio de serem revitimizados. No entanto, um outro participante menciona que *“poderá haver muitos homens que poderão ser vítimas, e já nem falo psicologicamente, mas mesmo fisicamente, mas que não apresentem queixa, tal e qual como as mulheres, por vergonha e porque talvez às vezes não se acreditam” (P3).*

Escassez de apoios. Ressaltam a necessidade da existência de mais apoios específicos para homens vítimas nomeadamente mais casas abrigos ou instituições semelhantes que forneçam este tipo de apoio *“é terrível ir para uma casa de emergência social (...) misturam as pessoas em camaratas” (P1), “é necessário mais casas como esta (...) acho que falta mesmo apoios a nível mundial” (P4); “definitivamente que fazem falta mais apoios (...) é impensável o estado não ajudar estas vítimas” (P6).*

Discussão

O presente estudo é o único a nível nacional que aborda a experiência de acolhimento institucional de homens vítimas de violência na intimidade em casa abrigo.

Os principais resultados no que diz respeito à experiência de vitimação que conduziu à casa abrigo revelaram que estes homens sofreram de diferentes formas de violência, sendo a violência psicológica a mais predominante, tal como a literatura da área sustenta (Dim, 2020). A violência física não foi a mais predominante como se tem vindo a verificar (e.g. Lagdon et al., 2014), mas ainda assim foi reportada por dois participantes, houve a utilização de objetos por parte da agressora para agredir a vítima, nomeadamente, tesouras e armas brancas, tal como a literatura atesta (e.g. Joseph-Edwards & Wallace, 2020). Alguns estudos retratam que os homens são agredidos fisicamente quando se encontram em períodos de maior vulnerabilidade (Bates, 2020), e nestes participantes isso foi perceptível, uma vez que os mesmos revelaram que a violência física foi precedida por vários episódios de violência psicológica, que deixaram estas vítimas mais indefesas.

O único estudo a nível nacional que aborda vítimas masculinas em casa abrigo, com o intuito de analisar o perfil psicológico das mesmas, concluiu também que a violência psicológica era a mais relatada (Moniz, 2017). Neste estudo, a violência económica apenas foi mencionada por dois participantes, que ficaram sem acesso total ao seu próprio dinheiro. A falta de condições económicas é frequentemente apontada como uma das razões que torna mais difícil a saída da relação abusiva (e.g., Joseph-Edwards & Wallace, 2020; Mandecentret, 2020). O abuso administrativo/legal foi reportado por dois participantes que revelaram que se sentiram revitimizados e ignorados pelo sistema, o que vai ao encontro do que tem vindo a ser reportado por estudos anteriores (e.g. Lysova et al., 2020b; Machado et al., 2018; McCarrick et al., 2016). Por fim, o único tipo de violência que não foi reportada foi violência sexual, apesar de a literatura anterior indicar que é uma das formas de violência que os homens sofrem (e.g. Bates & Weare, 2019; Walker et al., 2020).

Quanto às tipologias de violência, não foram reportados episódios de violência bidirecional. Tal pode ter acontecido porque quando questionados, estes homens mostraram ter consciência das implicações que uma agressão pode ter na vida de uma pessoa, acrescentando ao facto de também terem mencionado que a educação que receberam os fez reagir assim, sem violência. De facto, as mesmas razões foram mencionadas num estudo prévio sobre a experiência de vitimação de homens (Bates, 2019).

No que diz respeito ao impacto dos episódios de vitimação, o impacto psicológico foi o que mais se verificou nestas vítimas – ansiedade, tristeza, situações de pânico. A literatura anterior indica que este tipo de impacto tende a permanecer a longo prazo na vida destas vítimas (e.g. Douglas & Hines, 2011).

Desta forma, e tendo em conta os diversos estudos sobre a experiência de vitimação de mulheres, é possível verificar que ambos os sexos têm experiências de vitimação semelhantes, principalmente no que concerne ao tipo de violência mais sofrida - a violência psicológica surge em primeiro lugar (e.g. Dim, 2020; Johnson et al., 2020; Mahapatra, 2012). No que concerne ao impacto da experiência de vitimação, o impacto psicológico tende a ser o mais frequente em ambos os sexos (e.g. Douglas & Hines, 2011; Loke et al., 2012)

Quanto à procura de ajuda, o que levou estes homens a requererem a mesma foi a vontade de quererem sair da relação abusiva, o sofrimento pelo qual estavam a passar e a severidade com que a violência foi praticada pelo/a agressor/a, tal como estudos prévios mencionam (Joseph-Edwards & Wallace, 2020; Lysova & Dim, 2020). Numa primeira instância, na generalidade, os participantes tiveram auxílio do apoio informal, nomeadamente, de vizinhos e, em alguns casos, amigos, sendo que a família foi a ajuda menos requerida. Contudo, o que os estudos têm vindo a indicar é que as vítimas recorrem em primeiro lugar ao apoio informal, mais concretamente, à família e, só depois, é que recorrem ao apoio formal, sendo os profissionais de saúde os primeiros a quem pedem auxílio (e.g. Barrett et al., 2019; Machado et al., 2016). Nesta amostra, tal pode ter acontecido porque, tal como estas vítimas mencionaram, na própria família existem estereótipos sobre os homens que são vítimas, o que leva a que não acreditem efetivamente no seu relato, gerando desconforto na partilha de tais acontecimentos (Morgan et al., 2014). Este tipo de situação leva a que a ajuda informal, a família, seja considerada como desadequada (Walker et al., 2020).

O apoio formal apenas surge posteriormente, com a procura da PSP ou da SS e, aqui, importa ressaltar que a ajuda no geral foi rápida e ágil, fazendo com que estas vítimas tivessem uma experiência positiva, relatando que sempre foram bem tratados e que não sentiram qualquer tipo de diferenças por serem homens e vítimas de violência, o que difere dos resultados de estudos anteriormente analisados (e.g., Choi, 2015; Douglas & Hines, 2011). Em situações de violência onde as vítimas são mulheres, a maior parte das vezes as entidades encaminhadoras para a casa abrigo são as associações de apoio à vítima, nomeadamente a APAV (e.g. Pinto, 2011), algo que não se verificou neste estudo com vítimas masculinas. Um estudo prévio demonstrou que quando as vítimas têm experiências positivas com órgãos policiais, tal situação

dá-lhes ainda mais força e coragem para saírem efetivamente da relação abusiva (McCarrick, 2016). Por outro lado, a ajuda rápida e ágil que estes homens receberam, pode estar ligado ao facto da maioria das situações de violência serem consideradas graves e urgentes, levando a que a ajuda fosse imediata. Anteriormente, verificou-se que homens vítimas tinham tendência a procurar ajuda formal quando a violência sofrida era considerada grave, quando acontecia o oposto, i.e., a violência sofrida não deixava marcas visíveis, existia uma maior probabilidade de não procurar ajuda (Machado et al., 2017; Sylaska & Edwards, 2014).

A literatura tem vindo a demonstrar que para os homens que são vítimas é mais fácil lidar com profissionais que os saibam ouvir, que não os julguem e que de facto compreendam e acreditem na versão deles (Mandecentret, 2020), nesta amostra, este cenário verificou-se, principalmente pelos polícias que ajudaram estes homens. Para isto ser possível, é importante que os profissionais tenham formação para lidar com estas vítimas, nomeadamente, saberem interpretar e perceber as reações e o impacto que uma experiência de vitimação tem na vida de uma pessoa (Minister for Equal Opportunities, 2019).

Relativamente à experiência na casa abrigo, à chegada, a tristeza e o medo foram sentimentos dominantes, por mais que os participantes soubessem que iam ser ajudados. Contudo, de forma geral, relataram ter tido uma experiência positiva uma vez que sabiam que se tratava de um sítio seguro, onde iam estar longe do/a agressor/a e o facto de saberem que iam estar com pessoas com histórias de vida semelhantes às deles, de certa forma, também os tranquilizou. Ali sabiam que não corriam qualquer tipo de perigo, e este sentimento foi relatado como bastante securizante – todos estes relatos vão ao encontro do relato de mulheres que passaram por um acolhimento institucional numa casa abrigo (e.g. Baholo et al., 2015; Belchior, 2014).

Importa mencionar que a segurança e o apoio psicológico foram mencionados como as suas maiores necessidades aquando da estadia na casa abrigo. A literatura anterior retrata que de facto as necessidades mais requeridas por homens vítimas são o apoio psicológico, seguida de apoio judicial e ainda proteção face ao agressor/a (Moniz, 2017). Contudo, ter alguém próximo para conversar e terem segurança no sítio onde se encontram também são necessidades mencionadas (Machado et al., 2016) e ainda o facto de saberem que não estão sozinhos e que vão partilhar espaço com outros homens que têm experiências de vitimação semelhantes às deles, transmite-lhes tranquilidade (Mandecentret, 2020). A urgência destas necessidades por partes destas vítimas podem estar ligadas ao facto de ao longo da experiência de vitimação, a mesma ser vivida em silêncio o que propicia o isolamento destes homens.

Sobre a relação com a equipa técnica, a mesma foi descrita como positiva, sendo pautada por respeito e gratidão, uma vez que foi através da mesma que conseguiram, aos poucos, ir construindo uma nova vida. Os participantes destacaram que conseguiram ganhar ferramentas para começar uma nova vida, recuperando dos efeitos nefastos que a violência acarretou e que se não fosse esta ajuda o rumo da mesma podia ser bem diferente. Os relatos anteriores de homens em casa abrigo, na Noruega, relatam que de facto tiveram uma relação positiva com a equipa técnica, não sentiram ser tratados de forma diferente por serem homens e serem vítimas, acrescentando que foi a primeira vez que efetivamente se sentiram levados a sério enquanto vítimas (Grøvdal & Jonassen, 2016). Na literatura, estudos com mulheres vítimas em acolhimento institucional, indicam que a equipa técnica foi essencial para se erguerem das marcas que a violência deixou nas suas vidas (e.g. Haj-Yahia & Cohen, 2009).

Embora tenham classificado todos os apoios que receberam como essenciais, destacaram o apoio psicológico, mencionando que este tipo de apoio deveria de existir com maior periodicidade, uma vez que era o apoio que mais necessitavam. Da mesma forma, relataram a necessidade de mais apoio psicológico não só em contexto de casa abrigo, mas em todas as formas de apoio a vítimas, nomeadamente, em instituições de apoio à vítima ou até em contexto judicial. O apoio social foi o que mais existiu de diferentes formas e, talvez por isso, o que teve maior impacto nestas vítimas, uma vez que para uns significou uma forma de obter rendimentos (através do RSI) e arranjar emprego, e para outros se verteu numa inscrição num curso, de forma a completar a escolaridade. Tudo isto foi possível devido ao trabalho conjunto que a equipa técnica realiza em conjunto com diferentes entidades.

Quanto às relações com os restantes colegas, no início, admitiram ter sido difícil – uma vez que foi uma mudança abrupta na vida de todos eles ter que lidar com pessoas desconhecidas e numa nova realidade. Um estudo prévio com mulheres em acolhimento institucional relatou as mesmas dificuldades (Cotrim, 2014). Mas aos poucos esta mesma relação foi sendo construída, criando-se um sentimento de amizade entre eles, sendo que apesar de alguns já terem abandonado a casa abrigo, continuam a manter contacto. No caso de estudos realizados com mulheres em casa abrigo, esta ligação também tende a estender-se depois da saída (Silva, 2009).

No que diz respeito à visão da sociedade, muitas são as barreiras – externas e internas – que os homens vítimas têm que enfrentar, uma vez que ainda existe um preconceito significativo quando as vítimas são do sexo masculino (Clement, 2015; McCarrick et al., 2016), e os resultados encontrados confirmam esta premissa. Estas barreiras – como por exemplo o

paradigma de género que tende a persistir e as expectativas que a sociedade tem sobre homens (Tsang, 2015) – parecem justificar o facto de em alguns casos, estes homens, terem admitido ter demorado a pedir ajuda, uma vez que tinham receio de serem revitimizados pelo sistema, tal como estudos anteriores demonstraram (Lysova et al., 2020b). Neste sentido, nesta amostra, os termos “masculinidade”, a vergonha e o orgulho foram os principais obstáculos internos que dificultaram o processo de denúncia, tal como tem vindo a ser verificado em estudos anteriores (e.g. Brooks et al., 2017; Machado et al., 2018). Ainda assim, importa salientar que estes obstáculos também são partilhados pelas mulheres vítimas, não pela dificuldade que sentem em serem reconhecidas como tal, mas por recearem a reação dos outros ao admitirem que são vítimas (Baholo et al., 2015).

Associado a estas barreiras, acrescenta-se ainda o medo que estes homens sentiam em perder a guarda dos filhos e as chantagens de que eram alvo por parte da agressora, o que levou a que aguentassem a situação de violência durante mais tempo, indo ao encontro de resultados anteriores (Machado et al., 2018). Por outro lado, o facto de alguns homens terem dificuldade em reconhecer-se como vítimas ou negarem a vitimização (Hine, 2019), cria uma maior dificuldade em pedir ajuda (Tsang, 2015).

Por fim, é importante ressaltar que, na perspetiva dos participantes, são necessários mais apoios para homens vítimas de VI, como o de uma casa abrigo, uma vez que estas respostas são essenciais para tentarem minimizar o impacto que a violência tem nas suas vidas (e.g. Wallace et al., 2019).

Limitações

Apesar de este estudo se constituir como um contributo importante sobre a experiência de vitimação de homens vítimas e a sua experiência em casa abrigo, importa mencionar algumas limitações que este estudo teve durante a sua realização. Primeiramente, é importante reportar a dificuldade no acesso à amostra, uma vez que se trata de uma temática com um nível de sensibilidade elevado, o que dificultou a aceitação para participar no estudo. Além disso, a amostragem é de conveniência, o que indica que nem todos os utentes que se encontravam na casa abrigo eram elegíveis para participar, acrescentando uma dificuldade extra para o *N* final da amostra – 6.

Importa ainda mencionar alguns constrangimentos na realização das entrevistas externos ao investigador e aos participantes, como por exemplo, dificuldades tecnológicas quando a metodologia utilizada foi a *online*. Estes constrangimentos foram decorrentes do período pandémico que o país ultrapassou, uma vez que as entrevistas *online* foram realizadas

em período de confinamento e as presenças apenas foram possíveis de realizar em período de pós confinamento. E, apesar de terem sido utilizados três tipos de entrevistas – *online*, por telefone e presenciais – não foram verificadas diferenças quanto à duração ou qualidade das mesmas, concluindo-se que o que teve impacto para a duração e qualidade das entrevistas foi de facto a história de vida de cada participante e o à vontade com que o fazia. Quando as entrevistas foram presenciais, o facto de ser uma mulher a conduzir as mesmas pode ter tido alguma influência na forma como os participantes iam relatando as suas experiências, contudo, não consideramos que tal tivesse acontecido. A literatura sobre este âmbito indica que os homens demonstram preferência em falar com mulheres sobre estas questões (e.g., Pikus & Heavey, 1996; Proctor, 2008), uma vez que sentem que desta maneira não são julgados por demonstrarem os seus sentimentos e fraquezas (Gehart & Lyle, 2001), não sendo assim evidentes diferenças na qualidade das entrevistas. De relatar ainda que há a probabilidade de existência de desejabilidade social nas respostas dos participantes, uma vez que se utilizou um instrumento de autorrelato – entrevista semiestruturada. Contudo, o decurso e o conteúdo das entrevistas parecem corresponder à realidade da sua experiência de vitimação e ao período de acolhimento na casa abrigo.

Por fim, a amostra total é relativamente pequena, mas permitiu-nos aceder à experiência de vitimação destes homens, dando-lhes voz.

Conclusão

O estudo realizado contribui com relatos relevantes de homens vítimas sobre as suas experiências e significados enquanto estiveram/estão em período de acolhimento institucional numa casa abrigo, sendo que até agora, em Portugal, só tínhamos conhecimento de relatos de mulheres.

Assim, conclui-se que a experiência de vitimação relatada pelos participantes foi severa e deixou marcas, principalmente ao nível do foro psicológico, a médio e longo prazo (Douglas & Hines, 2011; Machado et al., 2019) e que de facto estes se sentem esquecidos e menosprezados pela sociedade, o que nos leva a verificar que a vitimação masculina é ainda pouco conhecida e relatada pelos órgãos de informação (Machado et al., 2016).

Este estudo contribuiu para compreender que o impacto da casa abrigo enquanto apoio institucional para homens vítimas é positivo e que a estadia nesta reposta residencial faz a diferença na vida das vítimas. A casa abrigo revelou-se uma ajuda central para o início de uma nova vida longe de violência, ressaltando sempre o quão importante foi o trabalho da equipa técnica. Assim sendo e, tendo em conta os diversos estudos nacionais e internacionais que ao

longo dos anos têm vindo a ser realizados sobre a experiência de mulheres vítimas numa casa abrigo, podemos concluir as suas experiências numa casa abrigo são muito similares. Para ambos os sexos, a casa abrigo foi avaliada como positiva, sendo que o que mais ambicionavam era conseguirem adquirir segurança, proteção e apoios para se conseguirem autonomizar.

Outra contribuição deste estudo é referente ao quão necessária é a existência de apoio psicológico nos serviços de apoio a vítimas, uma vez que a maior parte é vítima de violência psicológica e a mesma deixa marcas mais predominantes (Dim, 2020; Moniz, 2017). Por fim, para homens que são vítimas espera-se contribuir para a visibilidade da existência de serviços onde os mesmos podem pedir ajuda.

Após a realização deste estudo e da vasta literatura existente sobre o fenómeno de VI com vítimas masculinas, conclui-se que ainda é necessário um longo trabalho para que não caiam no esquecimento (Dickerson-Amaya & Coston, 2019). Para tal ser possível, é imprescindível que se aposte numa ajuda mais inclusiva e adaptada a ambos os sexos nos apoios formais (e.g. Douglas & Hines, 2011), sendo necessário, apostar-se em campanhas de sensibilização, no sentido de ter presentes homens e mulheres vítimas, de forma a que o impacto na população fosse maior e crescesse a atenção para esta temática e respetivas vítimas (Machado et al., 2016). Assim, desta forma, está-se também a proteger mulheres que são vítimas (Machado et al., 2019).

Um outro passo necessário é apostar-se na prevenção, começando com a população mais jovem, pois só assim é que é será possível consciencializar a sociedade da existência deste fenómeno e, talvez, devido a isso os homens tendam a denunciar mais os episódios de violência (Wallace et al., 2019). E, assim, desde cedo a população jovem tinha conhecimento de que qualquer pessoa pode ser vítimas de violência, independentemente do seu sexo, género ou orientação sexual.

Todavia, é importante que as próprias instituições de apoio à vítima apostem na divulgação de dados relativos a homens vítimas, de maneira a educar a população para a existência desta problemática. Para os profissionais, técnicos de apoio à vítima, órgãos de segurança pública, serviços da SS e, sobretudo, para a equipa técnica da casa abrigo é importante para perceberem de que forma o trabalho desempenhado pelos mesmos está a surtir efeitos e/ou de que forma o mesmo pode ser melhorado.

Apostar na formação, dada por Psicólogos, destes profissionais, principalmente órgãos de segurança pública, também é algo necessário, especialmente no que diz respeito à forma como devem lidar e ajudar as vítimas a minimizar as consequências da experiência de

vitimação. Por fim, investir no apoio *online* poderia ser uma das formas de colmatar a resistência existente quanto ao pedido de ajuda por parte de homens vítimas, uma vez que a exposição seria menor (Machado et al., 2018).

Como futuras investigações, há a necessidade de dar continuidade a este estudo sendo que poderia ser benéfico entrevistar todos os homens vítimas que se encontrassem na casa abrigo, ou seja, não só quando são vítimas de violência em relações de intimidade, mas também de violência filio-parental, por exemplo. Sendo que seria pertinente entrevistar estas vítimas antes, durante e após a saída da casa abrigo, no sentido de perceber com mais profundidade quais as mudanças que existiram nas suas vidas com este apoio. Por fim, em forma de *follow-up*, poderia ser interessante entrevistar estes mesmos participantes, de forma a perceber se as expectativas que tinham após a saída da casa abrigo foram possíveis de se concretizar e de que forma as suas vidas mudaram depois de um período de acolhimento institucional.

Referências

- Adhabi, E., & Anozie, C. B. (2017). Literature review for the type of interview in qualitative research. *Internacional Journal of Education*, 9(3), 86-97. <https://doi.org/10.5296/ije.v9i3.11483>
- Associação de Apoio à Vítima [APAV]. (2020). *Gabinetes de Apoio à Vítima – O que são?* https://apav.pt/apav_v3/index.php/pt/gav/o-que-sao
- Bates, E. A. (2019). “No one would ever believe me”: An exploration of the impact of intimate partner violence victimization on men. *Psychology of Men & Masculinities*, 21(4), 497–507. <https://doi.org/10.1037/men0000206>
- Bates, E. A. (2020). “Walking on egg shells”: A qualitative examination of men’s experiences of intimate partner violence. *Psychology of Men & Masculinities*, 21(1), 13–24. <https://doi.org/10.1037/men0000203>
- Bates, E. A., & Douglas, E. M. (2020). Services for domestic violence victims in the United Kingdom and United States: Where are we today?. *Partner Abuse*, 11(3), 349-381. <http://dx.doi.org/10.1891/PA-2020-0019>
- Baholo, M., Christofides, N., Wright, A., Sikweyiya, Y., & Shai, N. J. (2015). Women's experiences leaving abusive relationships: A shelter-based qualitative study. *Culture, Health & Sexuality*, 17(5), 638-649. <http://dx.doi.org/10.1080/13691058.2014.979881>
- Barrett, B. J., Peirone, A., & Cheung, C. H. (2020). Help seeking experiences of survivors of intimate partner violence in Canada: The role of gender, violence severity, and social belonging. *Journal of Family Violence*, 35(1), 15-28. <https://doi.org/10.1007/s10896-019-00086-8>
- Bates, E. A., & Weare, S. (2020). Sexual Violence as a Form of Abuse in Men’s Experiences of Female-Perpetrated Intimate Partner Violence. *Journal of Contemporary Criminal Justice*, 36(4), 582-595. <https://doi.org/10.1177/1043986220936115>
- Baúto, R. V., Fernandes, B., Ramalho, A., & Costa, J. (2019). *Manual para agentes qualificados/as de atendimento à vítima*. https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/35597/1/RBauto_2021_01_Maria%20Manual.pdf

- Belchior, J. (2014). *Reconstruções pós violência doméstica: vivências e significados das casas abrigo para mulheres vítimas de violência doméstica*. [Tese de Doutoramento, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Portugal]. <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/78001/2/33986.pdf>
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77-101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
- Braun, V., & Clarke, V. (2019). Reflecting on reflexive thematic analysis. *Qualitative Research in Sport, Exercise and Health*, 11(4), 589-597. <https://doi.org/10.1080/2159676X.2019.1628806>
- Brooks, C., Martin, S., Broda, L., & Poudrier, J. (2017). How many silences are there? Men's experience of victimization in intimate partner relationships. *Journal of Interpersonal Violence*, 35(23-24), 5390-5413. <https://doi.org/10.1177/0886260517719905>
- Bustillos, E. (2017, Agosto 7). At Texas' only domestic violence shelter for men victims try to get their lives back. *The Dallas Morning News*. <https://www.dallasnews.com/>
- Cáritas Diocesana de Aveiro [CDA]. (2020). *Quem somos – identidade* <https://www.caritasaveiro.pt/quem-somos/identidade/>
- Choi, A., Wong, J., Kam, C., Lau, C. L., Wong, J., & Lo, R. (2015). Injury patterns and help-seeking behavior in Hong Kong male intimate partner violence victims. *The Journal of Emergency Medicine*, 49(2), 217-226. <https://doi.org/10.1016/j.jemermed.2015.03.007>
- Clement, S., Schauman, O., Graham, T., Maggioni, F., Evans-Lacko, S., Bezborodovs, N., ... & Thornicroft, G. (2015). What is the impact of mental health-related stigma on help-seeking? A systematic review of quantitative and qualitative studies. *Psychological Medicine*, 45(1), 11-27. <https://doi.org/10.1017/S0033291714000129>
- Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género [CIG]. (2020a). *Estruturas de Atendimento (EA)* – 2020. [file:///C:/Users/HP/Downloads/EA_Generalistas_2020%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/HP/Downloads/EA_Generalistas_2020%20(1).pdf)

- Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género [CIG]. (2020b). *Estruturas de Atendimento para Vítimas de Violência*. <https://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2020/03/TABELA-ESTRUTURAS-ATENDIMENTO-CENTRO-1.pdf>
- Clarke, V., & Braun, V. (2019). Feminist qualitative methods and methodologies in psychology: A review and reflection. *Psychology of Women and Equalities Section Review*, 2(1), 13-28. <https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net>
- Código Penal (7th ed.), 2017. Almedina
- Connell, R. (2012). Masculinity research and global change. *Masculinities & Social Change*, 1(1), 4-18. <http://dx.doi.org/10.4471/MCS.2012.01>
- Connell, R. W., & Messerschmidt, J. W. (2013). Masculinidade hegemônica: Repensando o conceito. *Estudos Feministas, Florianópolis*, 21(1), 241-282. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100014>
- Corbally, M. (2015). Accounting for intimate partner violence: A biographical analysis of narrative strategies used by men experiencing IPV from their female partners. *Journal of Interpersonal Violence*, 30(17), 3112-3132. <http://dx.doi.org/10.1177/0886260514554429>
- Correia, A. L., & Sani, A. I. (2015). As casas abrigo em Portugal: Caracterização estrutural e funcional destas respostas sociais. *Análise Psicológica*, 33(1), 89-96. <http://dx.doi.org/10.14417/ap.918>
- Costa, D., Soares, J., Lindert, J., Hatzidimitriadou, E., Sundin, Ö., Toth, O., & Barros, H. (2015). Intimate partner violence: A study in men and women from six European countries. *International Journal of Public Health*, 60(4), 467-478. <http://dx.doi.org/10.1007/s00038-015-0663-1>
- Costa, D., Hatzidimitriadou, E., Ioannidi-Kapolou, E., Lindert, J., Soares, J. J., Sundin, Ö., ... & Barros, H. (2016). Male and female physical intimate partner violence and socio-economic position: A cross-sectional international multicentre study in Europe. *Public Health*, 139, 44-52. <http://dx.doi.org/10.1016/j.puhe.2016.05.001>
- Cotrim, D. (2014). *Análise qualitativa da experiência de residir numa casa de abrigo para mulheres que sofreram violência conjugal* [Dissertação de Mestrado, Instituto

- Universitário Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida, Lisboa, Portugal].
<https://core.ac.uk/download/pdf/70652867.pdf>
- Coutinho, M. J., & Sani, A. I. (2010). Casa abrigo: A solução ou o problema?. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(4), 633-641. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000400007>
- Crime Survey of England and Wales (2020).
<https://www.ons.gov.uk/peoplepopulationandcommunity/crimeandjustice/bulletins/crimeinenglandandwales/yearendingjune2020>
- Curry, S. J., Krist, A. H., Owens, D. K., Barry, M. J., Caughey, A. B., Davidson, K. W., & Kubik, M. (2018). Screening for intimate partner violence, elder abuse, and abuse of vulnerable adults: US Preventive Services Task Force final recommendation statement. *Journal of the American Medical Association*, 320(16), 1678-1687.
<https://doi.org/10.1001/jama.2018.14741>
- Dias, I. (2017). Violência doméstica e justiça: Respostas e desafios. *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, 20(2010), 245-262. <https://2287-5234-1-PB.pdf>
- Dickerson-Amaya, N., & Coston, B. M. (2019). Invisibility is not invincibility: The impact of intimate partner violence on gay, bisexual, and straight men's mental health. *American Journal of Men's Health*, 13(3), 1-12. <https://doi.org/1557988319849734>
- Dim, E. E., & Elabor-Idemudia, P. (2018). Prevalence and predictors of psychological violence against male victims in intimate relationships in Canada. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma*, 27(8), 1-22.
<https://doi.org/10.1080/10926771.2017.1382638>
- Dim, E. E. (2020). Experiences of physical and psychological violence against male victims in Canada: A qualitative study. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 0(00), 1–26. <https://doi.org/10.1177/0306624X20911898>
- Douglas, E. M., & Hines, D. A. (2011). The helpseeking experiences of men who sustain intimate partner violence: An overlooked population and implications for practice. *Journal of Family Violence*, 26(6), 473-485.
<https://doi.org/10.1007/s10896-011-9382-4>

- Durão, S. (2013). Silenciamentos subtis. Atendimento policial, cidadania e justiça em casos de vítimas de violência doméstica. *Análise Social*, (209), 878-899. <http://www.scielo.mec.pt/pdf/aso/n209/n209a06.pdf>
- Elísio, R., Neves, S., & Paulos, R. (2018). A violência no namoro em casais do mesmo sexo: Discursos de homens gays. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, (117), 47-72. <http://dx.doi.org/10.4000/rccs.8149>
- Entilli, L., & Cipolletta, S. (2017). When the woman gets violent: The construction of domestic abuse experience from heterosexual men's perspective. *Journal of Clinical Nursing*, 26(15-16), 2328-2341. <https://doi.org/10.1111/jocn.13500>
- Espinoza, R. C., & Warner, D. (2016). Where do we go from here? Examining intimate partner violence by bringing male victims, female perpetrators, and psychological sciences into the fold. *Journal of Family Violence*, 31(8), 959-966. <https://doi.org/10.1007/s10896-016-9881-4>
- Farooq, M.B. & De Villiers, C. (2017). Telephonic Qualitative Research Interviews, when to consider them and how to do them. *Meditari Accountancy Research*, 25(2), 291 - 316. <https://doi.org/10.1108/MEDAR-10-2016-0083>
- Faro, P., & Sani, A. I. (2014). Representações de violência doméstica por mulheres vítimas e as respostas pessoais e sociais ao problema. *Interconexões*, 2(1), 47-64. <https://doi.org/0000-0003-1776-2442>
- First shelter for Belgium's abused men (2015). Flandersnews.be https://www.vrt.be/vrtnws/en/2015/02/26/first_shelter_forbelgiumsabusedmen-1-2251703/
- Gehart, D. R., & Lyle, R. R. (2001). Client experience of gender in therapeutic relationships: An interpretive ethnography. *Family Process*, 40(4), 443-458. <https://doi.org/10.1111/j.1545-5300.2001.4040100443.x>
- Grøvdal, Y., & Jonassen, W. (2016). Menn på krisesenter. Oslo: Nasjonalt Kunnskapssenter om Vold og Traumatisk Stress, 5 https://www.nkvts.no/content/uploads/2015/10/Menn-p%C3%A5-krisesenter-NKVTSrapport-5-2015_web.pdf

- Guest, G., Bunce, A., & Johnson, L. (2006). How many interviews are enough? An experiment with data saturation and variability. *Field Methods*, 18(1), 59-82. <https://doi.org/10.1177/1525822X05279903>
- Haj-Yahia, M. M., & Cohen, H. C. (2009). On the lived experience of battered women residing in shelters. *Journal of Family Violence*, 24(2), 95-109. <https://doi.org/10.1007/s10896-008-9214-3>
- Harwin, N. (2006). Putting a stop to domestic violence in the United Kingdom: Challenges and opportunities. *Violence Against Women*, 12(6), 556-567. <http://dx.doi.org/10.1177/1077801206289134>
- Hine, B. (2019). ‘It can’t be that bad, I mean, he’s a guy’: Exploring judgements towards domestic violence scenarios varying on perpetrator and victim gender, and abuse type. In: *Intimate Partner Violence: New Perspectives in Research and Practice* (1st ed., pp.43-57). Routledge. <http://dx.doi.org/9781138049000>
- Hine, B., Bates, E. A., & Wallace, S. (2020). “I Have Guys Call Me and Say ‘I Can’t Be the Victim of Domestic Abuse’”: Exploring the Experiences of Telephone Support Providers for Male Victims of Domestic Violence and Abuse. *Journal of Interpersonal Violence*, 00(0), 1-32. <http://dx.doi.org/10.1177/0886260520944551>
- Hines, D. A., & Douglas, E. M. (2016). Relative influence of various forms of partner violence on the health of male victims: Study of a help seeking sample. *Psychology of Men & Masculinity*, 17(1), 3-16. <https://doi.org/10.1037/a0038999>
- Jäckle, A., Roberts, C., & Lynn, P. (2006). Telephone versus face-to-face interviewing: Mode effects on data quality and likely causes: Report on phase II of the ESS-Gallup mixed mode methodology project. *ISER Working Paper Series*, 2006(41). 1-97. <http://hdl.handle.net/10419/92126>
- Jarvie, J. (2017, Agosto 4). *‘It’s hard for a guy to say, “I need help.”’ How shelters reach out to male victims of domestic violence*. Los Angeles Times. <https://www.latimes.com>
- Johnson, D. M., Zlotnick, C., Hoffman, L., Palmieri, P. A., Johnson, N. L., Holmes, S. C., & Ceroni, T. L. (2020). A randomized controlled trial comparing HOPE treatment and present-centered therapy in women residing in shelter with PTSD from intimate

- partner violence. *Psychology of Women Quarterly*, 44(4), 539-553. <https://doi.org/10.1177/0361684320953120>
- Joseph-Edwards, A., & Wallace, W. C. (2020). Suffering in Silence, Shame, Seclusion, and Invisibility: Men as Victims of Female Perpetrated Domestic Violence in Trinidad and Tobago. *Journal of Family Issues*, 00(0), 1-26. <https://doi.org/10.1177/0192513X20957047>
- Lagdon, S., Armour, C., & Stringer, M. (2014). Adult experience of mental health outcomes as a result of intimate partner violence victimisation: A systematic review. *European Journal of Psychotraumatology*, 5(1), 24794. <https://doi.org/10.3402/ejpt.v5.24794>
- Laskey, P., Bates, E. A., & Taylor, J. C. (2019). A systematic literature review of intimate partner violence victimisation: An inclusive review across gender and sexuality. *Aggression and Violent Behavior*, 47, 1-11. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2019.02.014>
- Loke, A. Y., Wan, M. L. E., & Hayter, M. (2012). The lived experience of women victims of intimate partner violence. *Journal of Clinical Nursing*, 21(15-16), 2336-2346. <https://doi.org/10.1111/j.1365-2702.2012.04159.x>
- Lysova, A., & Dim, E. E. (2020). Severity of victimization and formal help seeking among men who experienced intimate partner violence in their ongoing relationships. *Journal of Interpersonal Violence*, 0(0), 1-26. <https://doi.org/10.1177/0886260520922352>
- Lysova, A., Hanson, K., Dixon, L., Douglas, E. M., Hines, D. A., & Celi, E. M. (2020a). Internal and external barriers to help seeking: Voices of men who experienced abuse in the intimate relationships. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 00(0), 1-22. <https://doi.org/10.1177/0306624X20919710>
- Lysova, A., Hanson, K., Hines, D. A., Dixon, L., Douglas, E. M., & Celi, E. M. (2020b). A Qualitative Study of the Male Victims' Experiences With the Criminal Justice Response to Intimate Partner Abuse in Four English-Speaking Countries. *Criminal Justice and Behavior*, 20(10), 1-18. <https://doi.org/10.1177/0093854820927442>
- Machado, A. (2016). *Intimate partner violence against men: From characteristics to their meanings*. [Tese de Doutoramento, Universidade do Minho, Porto, Portugal].

<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/42585/1/Andreia%20Patr%C3%ADcia%20Guimar%C3%A3es%20Machado.pdf>

- Machado, A., Hines, D., & Matos, M. (2016). Help-seeking and needs of male victims of intimate partner violence in Portugal. *Psychology of Men & Masculinity*, 17(3), 255–264. <https://doi.org/10.1037/men0000013>
- Machado, A., Hines, D., & Matos, M. (2018). Characteristics of Intimate Partner Violence Victimization Experienced by a Sample of Portuguese Men. *Violence and Victims*, 33(1), 157-175. <https://doi.org/10.1891/0886-6708.33.1.157>
- Machado, A., Hines, D., & Douglas, E. M. (2020). Male victims of female-perpetrated partner violence: A qualitative analysis of men's experiences, the impact of violence, and perceptions of their worth. *Psychology of Men & Masculinities*, 21(4), 612–621. <https://doi.org/10.1037/men0000285>
- Machado, A., Santos, A., Graham-Kevan, N., & Matos, M. (2017). Exploring help seeking experiences of male victims of female perpetrators of IPV. *Journal of Family Violence*, 32(5), 513-523. <https://doi.org/10.1007/s10896-016-9853-8>
- Machado, A., Santos, A., Graham-Kevan, N., & Marlos, M. (2019). The prevalence of Bi-Directional intimate partner violence reported by Portuguese men. *International Journal of Law, Crime and Justice*, 57(2019), 83-90. <http://dx.doi.org/10.1016/j.ijlcrj.2019.03.002>
- Magalhaes, M. J., Morais, C., & Castro, Y. R. (2011). Organização e funcionamento duma casa de abrigo de solidariedade social. *Psicologia & Sociedade*, 23(3), 598-607. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822011000300018>
- Mahapatra, N. (2012). South Asian women in the US and their experience of domestic violence. *Journal of Family Violence*, 27(5), 381-390. <https://doi.org/10.1007/s10896-012-9434-4>
- Mandacentret (2021). *Domestic Violence Against Men Under the Radar*. https://mandacentret.dk/wp-content/uploads/2021/06/Under-The-Radar-domestic-violence-against-men70.pdf?fbclid=IwAR2IEqME_wp5IH1jvJ2e5FcAOuzgYThxoTyGtU21UWGNsHDmuel5MiQS9Og

- McCarrick, J., Davis-McCabe, C., & Hirst-Winthrop, S. (2016). Men's experiences of the criminal justice system following female perpetrated intimate partner violence. *Journal of Family Violence*, 31(2), 203-213. <https://doi.org/10.1007/s10896-015-9749-z>
- McHugh, M. L. (2012). Interrater reliability: the kappa statistic. *Biochemia Medica*, 22(3), 276-282. file:///C:/Users/HP/Downloads/McHugh_ML_Interrater_reliability%20.pdf
- Men's Aid Ireland (2021). *About Men's Aid*. <https://www.mensaid.ie/about-mensaid/>
- Montgomeryshire Family Crisis Center [MFCC]. (2019). *MFCC Country Times Feature*. <https://www.familycrisis.co.uk/>
- Minister for Equal Opportunities (2019). *Action plan for the prevention of psychological and physical violence in intimate relationships*. https://bm.dk/media/17168/voldshandlingsplan_uk_web_version_154351_e0006550011_3kpdf_final.pdf
- Moniz, M. (2017). Perfil psicológico de uma amostra de homens vítimas de violência doméstica acolhidos na primeira Casa Abrigo Masculina em Portugal. Comparação com uma amostra de vítimas femininas. https://www.researchgate.net/profile/Marco-Moniz/publication/319713261_Perfil_psicologico_de_uma_amostra_de_homens_vitimas_de_violencia_domestica_acolhidos_na_primeira_Casa_Abrigo_Masculina_em_Portugal_Comparacao_com_uma_amostra_de_vitimas_femininas/links/59baa328aca272aff2d00363/Perfil-psicologico-de-uma-amostra-de-homens-vitimas-de-violencia-domestica-acolhidos-na-primeira-Casa-Abrigo-Masculina-em-Portugal-Comparacao-com-uma-amostra-de-vitimas-femininas.pdf
- Morgan, K., Williamson, E., Hester, M., Jones, S., & Feder, G. (2014). Asking men about domestic violence and abuse in a family medicine context: Help seeking and views on the general practitioner role. *Aggression and Violent Behavior*, 19(6), 637-642. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2014.09.008>
- One in three (2009, 9 de fevereiro). Male domestic abuse victims get their own shelters in Netherlands. <http://www.oneinthree.com.au/news/2009/2/9/male-domestic-abuse-victims-get-their-own-shelters-in-nether.html>

- Opdenakker, R. (2006). Advantages and disadvantages of four interview techniques in qualitative research. In *Forum qualitative sozialforschung/forum: Qualitative Social Research*, 7(4), 1-13. <https://doi.org/10.17169/fqs-7.4.175>
- Pickering, M. (2021, 27 Julho). *Australia's 'first' domestic violence shelter for men opens in Queensland – as founder reveals how a mate's tragic story inspired him to create the refuge*. Daily mail Online. <https://www.dailymail.co.uk/news/article-9828327/Australias-domestic-violence-shelter-men-opens-Queensland.html>
- Pikus, C. F., & Heavey, C. L. (1996). Client preferences for therapist gender. *Journal of College Student Psychotherapy*, 10(4), 35–43. https://doi.org/10.1300/J035v10n04_05
- Pinto, J. M. C. (2011). *Impacto psicológico e psicopatológico da violência conjugal em mulheres vítimas acolhidas em casas abrigo. Estudo exploratório em duas casas de abrigo do Grande Porto*. [Dissertação de Mestrado, Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar da Universidade do Porto, Portugal]. <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/19364/2/Tese%20de%20Mestrado%202006%202008.pdf>
- Press, A. (2017, Outubro 29). *These shelters help male victims of domestic violence*. New York Post. <https://nypost.com/>
- Proctor, G. (2008). Gender Dynamics in Person-Centered Therapy: Does gender matter?. *Person-Centered & Experiential Psychotherapies*, 7(2), 82-94. <https://doi.org/1477-9757/08/02082-13>
- Próspero, M. (2007). Young adolescent boys and dating violence: The beginning of patriarchal terrorism?. *Affilia*, 22(3), 271-280. <https://doi.org/10.1177/0886109907302259>
- Ramalho, C. (2017, março, 29). *A Igualdade não tem género*. [apresentação em PDF] Seminário APAV 10 anos Casa de Abrigo ALCIPE, Lisboa, Portugal. https://www.apav.pt/seminarioalcipe/images/pdf/Claudia_Ramalho-FASL.pdf
- Relatório Anual de Segurança Interna [RASI]. (2019). *Sistema de Segurança Interna Relatório Anual de Segurança Interna 2019* <https://www.portugal.gov.pt/download-ficheiros/ficheiro.aspx?v=%3d%3dBQAAAB%2bLCAAAAAAABAAzNDA0sAA AQJ%2bleAUAAAA%3d>

- Relatório Anual de Segurança Interna [RASI]. (2020). Sistema de Segurança Interna Relatório Anual de Segurança Interna 2020 <https://www.portugal.gov.pt/download-ficheiros/ficheiro.aspx?v=%3d%3dBQAAAB%2bLCAAAAAAABAAzNDQ1NAUABR26oAUAAAA%3d>
- Reis, E., Arriaga, P., & Moleiro, C. (2020). Pictorial campaigns on intimate partner violence focusing on victimized men: A systematic content analysis. *Frontiers in Psychology, 11*, 1-13. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.01450>
- Roberts, A. R., & Lewis, S. J. (2000). Giving them shelter: National organizational survey of shelters for battered women and their children. *Journal of Community Psychology, 28*(6), 669-681. [https://doi.org/10.1002/1520-6629\(200011\)28:6<669::AID-JCOP9>3.0.CO;2-2](https://doi.org/10.1002/1520-6629(200011)28:6<669::AID-JCOP9>3.0.CO;2-2)
- Saarijärvi, M., & Bratt, E. L. (2021). When face-to-face interviews are not possible: Tips and tricks for video, telephone, online chat, and email interviews in qualitative research. *European Journal of Cardiovascular Nursing, 2021*(20), 392–396. <http://dx.doi.org/10.1093/eurjcn/zvab038>
- Silva, A. R. (2009). *Mulheres sobreviventes de violência doméstica: 4 narrativas sobre o pós-casa-abrigo* [Dissertação de Mestrado, Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa, Portugal]. <https://core.ac.uk/download/pdf/70655371.pdf>
- Silverman, L. (2017). *First Texas Shelter For Male Victims of Domestic Violence Open in Dallas*. News for North Texas. <https://www.keranews.org/health-science-tech/2017-06-07/first-texas-shelter-for-male-victims-of-domestic-violence-opens-in-dallas>
- Simmons, J., Brüggemann, A. J., & Swahnberg, K. (2016). Disclosing victimisation to healthcare professionals in Sweden: A constructivist grounded theory study of experiences among men exposed to interpersonal violence. *British Medical Journal Open, 6*(6), 1-10. <http://dx.doi.org/10.1136/bmjopen-2015-010847>
- Smith, S. G., Zhang, X., Basile, K.C., Merrick, M.T., Wang, J., Kresnow, M., Chen, J. (2018). *The National Intimate Partner and Sexual Violence Survey (NISVS): 2015 Data Brief—Updated Release*. Atlanta, GA: National Center for Injury Prevention

- and Control, Centers for Disease Control and Prevention.
<https://www.cdc.gov/violenceprevention/pdf/2015data-brief508.pdf>
- Stults, C. B., Javdani, S., Kapadia, F., & Halkitis, P. N. (2019). Determinants of intimate partner violence among young men who have sex with men: The P18 Cohort Study. *Journal of Interpersonal Violence*, 00(0), 1-25.
<https://doi.org/10.1177/0886260519831374>
- Sturges, J. E., & Hanrahan, K. J. (2004). Comparing telephone and face-to-face qualitative interviewing: A research note. *Qualitative Research*, 4(1), 107-118.
<https://doi.org/10.1177/1468794104041110>
- Sylaska, K.M., Edwards, K.M., 2014. Disclosure of intimate partner violence to informal social support network members: A review of the literature. *Trauma Violence Abuse*, 15(1), 3–21. <http://dx.doi.org/10.1177/1524838013496335>
- Tsang, H. (2015). Do male victims of intimate partner violence (IPV) deserve help? Some reflections based on a systematic review. *The Hong Kong Journal of Social Work*, 49(01n02), 51-63. <https://doi.org/10.1142/S0219246215000066>
- Tsui, V. (2014). Male victims of intimate partner abuse: Use and helpfulness of services. *Social Work*, 59(2), 121-130. <https://doi.org/10.1093/sw/swu007>
- Vogl, S. (2013). Telephone versus face-to-face interviews: Mode effect on semistructured interviews with children. *Sociological Methodology*, 43(1), 133-177.
<https://doi.org/10.1177/0081175012465967>
- Walker, A., Lyall, K., Silva, D., Craigie, G., Mayshak, R., Costa, B., ... & Bentley, A. (2020). Male victims of female-perpetrated intimate partner violence, help-seeking, and reporting behaviors: A qualitative study. *Psychology of Men & Masculinities*, 21(2), 213. <http://doi:10.1037/men0000222>
- Wallace, R. (2014). Identifying potential challenges to providing emergency advocacy services to male victims of intimate partner violence. *Partner Abuse*, 5(1), 58-68.
<https://doi.org/10.1891/1946-6560.5.1.58>

Wallace, S., Wallace, C., Kenkre, J., Brayford, J. and Borja, S. (2019), Men who experience domestic abuse: A service perspective, *Journal of Aggression, Conflict and Peace Research*, 11(2), 127-137. <https://doi.org/10.1108/JACPR-03-2018-0353>

World Health Organization [WHO]. (2012). *Understanding and addressing violence against women: Intimate partner violence*. https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/77432/WHO_RHR_12.36_eng.pdf

World Health Organization [WHO]. (2021). *Violence against women*. <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/violence-against-women>

